

HIPERTEXTO E GÊNEROS DIGITAIS: NOVOS MODOS DE LER E DE ESCREVER E OS DESAFIOS DA ESCOLA

Andréa Beatriz Hack de Góes¹

Palavras-chave: hipertexto; leitura e escrita; multimodalidade de linguagens; escola; formação de professores.

Resumo:

A tecnologia se faz cada vez mais presente e essencial na contemporaneidade, o que redimensiona irreversivelmente não apenas os meios de comunicação e produção, mas a própria maneira de viver e se relacionar em sociedade. A conexão via rede (Internet) aboliu as fronteiras de tempo e de espaço a tal ponto que hoje é quase impossível imaginar a vida humana sem a mediação de dispositivos eletrônicos, tidos quase que como uma extensão do próprio corpo. Nesse contexto se impõem novas formas de ler, escrever, se expressar e interagir no espaço amplo e democrático do hipertexto. A mescla sem precedentes dos papéis de autor e leitor observadas na atualidade, aliada à multimodalidade de linguagens presentes na rede, constitui-se num grande desafio para a educação escolar, ao mesmo tempo em que denuncia sua dificuldade em se atualizar e atender às demandas de um público cada vez mais conectado e dependente de uma tecnologia que ainda passa longe dos muros da escola, a começar pela própria formação de professores. Como fazer frente a tamanhas demandas, de modo a converter o hipertexto em objeto de ensino e os recursos tecnológicos, tão do gosto dos estudantes, especialmente os mais jovens, em ferramentas de ensino? Essas são algumas das questões que o presente artigo se propõe a abordar e discutir no espaço do evento, atento à relevância e urgência do tema.

Introdução

No contexto de uma sociedade predominantemente grafocêntrica como a nossa, observa-se a difusão cada vez mais generalizada do uso de tecnologias em constante evolução e crescente acesso à população em geral, numa já reconhecida condição de dependência, pois todos querem estar, figurar, serem reconhecidos na rede, a ponto de se poder até atualizar o famoso aforismo do filósofo em “Eu me conecto, logo, existo”. Na era da Cibercultura, anunciada por Pierre Lévy (1999), essa tecnologia que hoje permeia de modo irreversível os meios de comunicação, modos de produção e a própria conjuntura social da vida humana impõe também novas formas de leitura e escrita, que

¹ UFBA. abhack@gmail.com.

por sua vez exigem pressupostos teóricos adequados a essas competências, lançando mão de recursos e estratégias de ensino mais atualizadas e apropriadas a esse contexto.

Tamanha ressignificação dos usos e formas de linguagem, especialmente da escrita, gerou um profundo deslocamento e mesmo mistura de papéis dos sujeitos autor e leitor, pois no espaço infinito e democrático da rede, todos podem livremente transitar e se expressar, compondo seus próprios discursos sobre diferentes temas e posicionamentos. Ou seja, se todos podem ler, todos podem igualmente escrever, manifestando-se e assim interagindo constantemente com uma infinidade de interlocutores virtuais.

Tais intervenções, à parte a sedução e interesse que promovem nos usuários, são também marcadas pelo que Hilgert (2000) chamou de “processo de reoralização”. Ou seja, busca-se agregar um caráter de “falado” ao escrito, valorizando-se um ritmo de interlocução (predominantemente escrita) marcado por enunciados breves, estilo de linguagem informal, às vezes até deliberadamente despojado, e inserção de elementos visuais, os famosos e simpáticos emojis, que na perspectiva da multimodalidade linguística oferecida e expandida sobremaneira pelos recursos tecnológicos, busca angariar, junto aos interlocutores, melhor aceitação e adesão de caráter afetivo aos conteúdos e ideologias veiculados nesses espaços.

Em face desse quadro instável e imensamente desafiador, visto que irreversível, é imprescindível considerar e avaliar como a escola tem lidado com essa nova realidade. Como tem se deparado com as novas práticas de leitura e escrita, que substituem paulatinamente o suporte estável do papel pela tela, que apesar de única, se expande infinitamente, multiplicando-se infinitamente no espaço do hipertexto? Como formar um leitor crítico e consciente que não venha a sucumbir alienadamente num verdadeiro oceano de informações amplamente disponíveis? As linguagens multimodais, variadas e simultâneas no espaço do hipertexto e que tanto seduzem e cativam os alunos, especialmente os jovens e adolescentes, têm tido lugar na sala de aula, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa? E, antes de mais nada, como os professores vêm sendo preparados para adotar essas tecnologias e tratar didaticamente toda uma gama de novos gêneros digitais que estão surgindo, sem que se limitem a apenas e superficialmente, “trocar o quadro pela tela”, como tem ocorrido em vários estabelecimentos de ensino?

O presente artigo se propõe a refletir a respeito de questões como essas, visando

discutir e problematizar o hipertexto e os gêneros digitais como objetos didáticos preñhes de desafios e possibilidades, a partir das valiosas contribuições de estudiosos do tema, como Luiz Antônio Marcuschi, Antonio Carlos Xavier, Carla Viana Coscarelli, Ana Elisa Novais, Pierre Lévy, Roxane Rojo, dentre outros.

1. O hipertexto na cibercultura

Diferente do que possa parecer, em face da fascinação e atrativos sem precedentes das tecnologias e gêneros digitais oriundos delas, é importante observar que o hipertexto não é exclusividade da plataforma “www”, tampouco é novo. Não obstante o fato de que os aparatos tecnológicos, impregnados de multimodalidade linguística simultânea, redimensionaram e expandiram imensuravelmente o espaço do hipertexto e suas possibilidades de produção e uso na web, seu conceito mais amplo e geral vem de longe, antes ainda da invenção da imprensa, no século XV.

De acordo com Gomes (2011), a necessidade de organização de manuscritos como documentos, rolos, papiros, etc, cresceu na medida em que se ampliava a sua produção. Portanto, a partir do século XII, esses objetos começaram a ser indexados por números ou alfabeticamente, a fim de tornar os textos mais acessíveis, em espaços mais amplos e públicos, como as bibliotecas. Também são exemplos conhecidos, compatíveis ao hipertexto, porém mais contemporâneos, as enciclopédias, dicionários, gramáticas e a própria Bíblia, texto sagrado do Cristianismo e Judaísmo, por apresentarem uma organização que permite formas e trajetos de leitura variados, a gosto e livre escolha do leitor, o que se configura em uma das principais características desse objeto, a saber: a não-linearidade.

Para a professora Carla Coscarelli (2006), todo texto, assim como cada leitura, é alinear. Portanto, ela desconsidera que essa não-linearidade seja um atributo exclusivo do hipertexto digital: “O texto impresso não impõe tantos limites assim à nossa leitura. Não há caminhos proibidos no texto impresso dos quais devemos nos libertar e não há liberdade absoluta nos hipertextos.” (2006, p. 15). Gomes (2001), no entanto, entende o hipertexto como sendo tão-somente virtual, argumentando que os inúmeros links, saltando na superfície do texto na tela e que podem, a qualquer tempo, ser clicados aleatoriamente pelo leitor, conferem a ele uma infinidade de possibilidades de percursos

de leitura, em comparação às marcas oferecidas no texto impresso, consideravelmente mais limitadas e reduzidas.

O autor também destaca a multimodalidade linguística intrínseca aos links virtuais. Ela se traduz em palavras (linguagem verbal), imagens, ícones (linguagem visual), sons, movimento, e até mesmo na construção de um código próprio, apelidado, em tom irônico e depreciativo no contexto escolar, de “internetês”. Contudo, o que se evidencia mesmo nesse contexto é um movimento contínuo de atualização do texto, já que nesses espaços ele é composto, produzido dentro e a partir da própria sequência determinada pelo leitor em seus “cliques”.

Magda Soares (2002), ao comparar os textos impresso e digital, declara que “enquanto a página é uma unidade estrutural, a tela é uma unidade temporal.” (2002, p. 150). Ou seja, marcada pela transitoriedade e constante atualização dos conteúdos disponíveis. Fato é que a tela do computador vem substituindo gradativamente o suporte impresso, e não obstante a manutenção dos mesmos conteúdos, trata-se de uma outra plataforma, com inúmeras vantagens, de caráter econômico e prático.

É importante salientar também a simultaneidade e instantaneidade, características que tem se tornado imprescindíveis ao ritmo cada vez mais acelerado e intenso da vida humana na sociedade contemporânea. Essas tantas mudanças que marcam profundamente a diferença entre o hipertexto antigo (pautado na plataforma física, manuscrita ou impressa) e o digital são cabalmente contempladas e evidenciadas por Pierre Lévy:

Quando um leitor se desloca na rede de microtextos e imagens de uma enciclopédia, deve traçar fisicamente seu caminho nela, manipulando volumes, virando páginas, percorrendo com seus olhos as colunas tendo em mente a ordem alfabética. [...] O hipertexto é dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade, muda de forma, se multiplica, se corta e se cola outra vez de outra forma. Não é apenas uma rede de microtextos, mas sim um grande metatexto de geometria variável, com gavetas, com dobras. Um parágrafo pode aparecer ou desaparecer sob uma palavra, três capítulos sob uma palavra ou parágrafo, um pequeno ensaio sob uma das palavras destes capítulos, e assim virtualmente sem fim, de fundo falso em fundo falso. [...] Ao ritmo regular da página se sucede o movimento perpétuo de dobramento e desdobramento de um texto caleidoscópico. (LEVY, 1993, p. 40-41).

Nesse mesmo sentido, resta também evidenciado o crescente protagonismo do leitor, que pode chegar, efetivamente, à condição de coautor, graças ao amplo dinamismo do hipertexto e volatilidade de seus conteúdos.

Xavier define o hipertexto como “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade.” (XAVIER, 2010, p. 208). Assim, ele também enfatiza a multimodalidade da linguagem como elemento intrínseco aos gêneros digitais, emergentes das novas tecnologias.

Contudo, Coscarelli salienta que, apesar de a rede de textos do universo digital, sobretudo na Internet, angariar acesso mais fácil e rápido aos textos, não podemos nos esquecer de que essa mesma rede é alimentada continuamente por conteúdos produzidos e oriundos da plataforma física, ou impressa. Ela conclui que o universo digital não exclui o impresso, mas enriquece-o, ao mesmo tempo em que é enriquecido por ele. Os textos impressos também constituem uma rede, pois ao ler um livro, podemos consultar um dicionário, outros livros e materiais (impressos ou não). Nesse sentido, resta evidente que o texto impresso não é isolado, muito menos obsoleto ou superado, conforme afirmam alguns. Ele faz parte de um conjunto imenso de outros textos que podem ser “co-lidos”. O que de fato ocorre, em muitos casos, é uma maior rapidez e facilidade de acesso a textos inseridos nas redes digitais. (2006, p. 7).

Conforme salienta Almeida (2008), a rede proporcionou e expandiu uma quantidade praticamente infinita de informação. No entanto, esse mesmo acesso desmesurado gerou profundas mudanças nos processamentos de leituras, com traços positivos e também negativos, o que será refletido no tópico seguinte.

2. Leitura e escrita na rede

Uma das alterações mais marcantes e emblemáticas trazidas pelo hipertexto digital incide na interação entre autor e leitor. Xavier (2010) destaca, no que se refere ao autor, uma certa diluição ou esvaziamento da “autoridade” autoral, explicitada no crédito científico ou legitimidade. Magda Soares (2002) vai além, ao observar que essas mudanças não alteram somente a dialética autor–leitor especificamente, mas acarretam numa verdadeira transformação das relações “entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento.” (p. 18).

Isso se evidencia no fato de que a tela, como novo espaço de escrita, aceita que “qualquer ilustre desconhecido pode publicar suas ideias sem passar pelo crivo de nenhum conselho editorial (...)”. (XAVIER, 2010, p. 217). Para o professor, essa possibilidade, concretizada no hipertexto, expressa o caráter primariamente democrático da rede mundial. Como desdobramento lógico disso, ocorre também uma ampliação quase que ilimitada das relações sociais - pessoais e interpessoais. Esse aspecto reflete, por sua vez, a natureza da própria globalização, que só foi realmente potencializada e consolidada graças à internet.

É importante salientar, contudo, que as práticas de leitura e escrita mediadas pelo hipertexto digital sofreram profundas alterações. Ramal destaca que Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura. (2002, p. 84).

Essa sensação de “liberdade sem limites” que tanto seduz e encanta também inaugura novas formas de leitura e de escrita. A leitura na rede é marcada pelas características do hipertexto, como velocidade, aceleração, acessibilidade, dinamismo, intertextualidade, precisão, interatividade, dentre outras, que costumam ser sumariamente apreciadas e enaltecidas. No entanto, Silva alerta para o fato de que essas mesmas características também acarretam em uma menor profundidade na compreensão das informações lidas, fruto de uma leitura mais superficial e excessivamente rápida.

Segundo Marcuschi (2005), o excesso de informação oferecido nos hipertextos pode provocar a dispersão, perda do foco pelo leitor, podendo ainda incidir num estreitamento do raciocínio e capacidade de avaliar conscientemente o conteúdo consumido, bem como o produzido e publicado por ele mesmo. E pior: tudo isso pode, inclusive, resultar em ojeriza e abandono da leitura.

Essa questão se torna ainda mais séria se considerarmos os leitores mais jovens, ainda em formação. É sabido que esse público, composto principalmente por crianças e adolescentes, os chamados “nativos digitais”, já se sentem incapazes de conceber a existência sem a internet e seus respectivos dispositivos e aparelhos eletrônicos, condição compartilhada por um número crescente de “imigrantes digitais”, convivendo em uma sociedade cada vez mais tecnocrata, no dizer de Xavier (2010). Ramal (2002)

alerta que “os suportes digitais, as redes, os hipertextos são, a partir de agora, as tecnologias intelectuais que a humanidade passará a utilizar para aprender, gerar informação, ler, interpretar a realidade e transformá-la.” (p. 14).

Tal constatação se reflete visivelmente na escrita, eixo central nas novas tecnologias, não obstante a presença constante e também massiva de outras modalidades de linguagem e texto não verbais. Segundo Crystal (apud MARCUSCHI, 2010, p. 22), a escrita nos discursos eletrônicos e digitais é marcada por:

- do ponto de vista dos usos da linguagem: temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas, abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semialfabética;
- do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem: integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio com a participação mais intensa e menos pessoal, surgindo a hiperpessoalidade; e
- do ponto de vista dos gêneros realizados: a internet transmuta, de maneira bastante complexa, gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros.

A verificação prática dessas características, que costumam entrar em choque com os pressupostos teóricos e estratégias de ensino da língua materna (no nosso caso, a Língua Portuguesa), depõe sobre a necessidade de a escola atentar-se para essas novas formas de ler e escrever. Enquanto instituição responsável pelo ensino e formação dos cidadãos, desde sua mais tenra idade, a escola precisa estar ciente de que tais mudanças são irreversíveis, e não pode se omitir em conferir-lhes o devido tratamento teórico e didático, sob a pena de ficar na contramão da história e do desenvolvimento e assim diluir gravemente a importância e necessidade de seu papel social. Mas será que os professores que atuam na escola, especialmente os de Língua Portuguesa, têm sido devidamente preparados para atender a essa demanda nos respectivos cursos de formação? No próximo tópico serão analisadas essa e outras questões concernentes.

2. Internet, hipertexto e ensino: desafios e conflitos

Conforme já afirmado anteriormente, o hipertexto digital nos novos espaços de leitura e escrita, ou seja, a tela, impõe novas formas de ler e de escrever, o que pressupõe, automaticamente, mudanças no ensino e aprendizagem dessas competências,

reconfiguradas pela mediação tecnológica. Nesse sentido, é crucial considerar que fora da sala de aula tanto professores como estudantes, independentemente da faixa etária ou grau de ensino, nivelam-se como usuários da rede e se relacionam socialmente através das TICs (tecnologias de informação e comunicação). Mas como transpor essas práticas para a sala de aula, de modo a convertê-las em subsídios para aprendizagem? Como didatizar os processos de leitura e escrita mediados pela tecnologia, no âmbito da rede?

Além de oferecer um acúmulo de informações praticamente infinito, a internet também pode ser uma grande aliada nos processos de ensino e aprendizagem, pois sua configuração variada e diferenciada, marcada pela grande multiplicidade de recursos e multimodalidade de linguagens agrada e seduz os educandos. Isso pode redundar em uma maior motivação e interesse quando associado aos estudos, sem contar o significativo incremento à autonomia e protagonismo do estudante, em detrimento de uma passividade presente em uma relação de dependência, controle e poder exercidos pelo professor, historicamente identificado como único detentor do conhecimento.

Mas para tanto, os dispositivos tecnológicos aplicados ao ensino não podem se constituir em um mero recurso técnico, mas contribuir efetivamente para desenvolver no aluno uma compreensão crítica da relevância dos papéis sociais da leitura e da escrita. Da mesma forma, a possibilidade de socialização das produções escritas, através da mediação tecnológica que faz esses textos circularem entre os pares e outros destinatários, além do de sempre, o professor, cuja única atribuição prevista seria de dar nota, pode incentivar significativamente essas produções no espaço escolar.

Lévy (1999) considera que o professor no contexto da cibercultura deve mediar e estimular uma contínua troca de conhecimentos entre os alunos, com vistas a construir e consolidar sua autonomia e consciência crítica quanto ao uso das tecnologias, no âmbito da interação e integração. Tal postura por parte do professor tira o foco de si mesmo enquanto detentor do saber e lhe angaria a posição de mediador, o que oxigena e redimensiona o sentido mais profundo e significativo, absolutamente necessário, da educação com vistas à formação de um cidadão crítico, consciente, comprometido, cooperativo e autônomo, capaz de dialogar e conviver proativamente com diferentes culturas e saberes. Para Ramal (2002), tal reformulação do que se entende por educar passa justamente pela modificação na postura do professor. Ela afirma que no âmbito da cibercultura critérios como consistência, motivação, capacidade de articulação do

conhecimento e comunicação estabelecendo relações são inerentes à formação do indivíduo.

No que diz respeito mais especificamente ao hipertexto, Pinheiro (2005) salienta a necessidade de os professores prepararem seus alunos para que possam ter uma compreensão mais profunda e consciente das informações disponibilizadas, mediante o uso de estratégias de leitura adequadas e contextualizadas, o que é crucial para esses leitores em formação possam desenvolver competências que lhes angariem maior aproveitamento da leitura, num processo de desenvolvimento pessoal e interação social:

Ao interagir com hipertextos, é necessário que eles desenvolvam habilidades e competências requeridas para esse modo de enunciação digital. Como selecionar e filtrar conhecimentos, estabelecer as relações entre os diversos fragmentos. [...]. Ainda é necessário ressaltarmos que a leitura não deve ser vista como única [...], é necessário considerá-la em sua multiplicidade e diversidade de vozes, próprias do hipertexto. Nesse sentido, o aluno teria lugar como um sujeito verdadeiramente agente de sua aprendizagem. (PINHEIRO, 2005, p. 146).

No entanto, é preciso que os professores se abram para o novo, repensem sua práxis, libertando-se de uma certa “tecnofobia” que parece acometer alguns, motivada principalmente pelo desconhecimento sobre como trabalhar, didaticamente, com o hipertexto em particular, e com os recursos tecnológicos e gêneros digitais em geral.

Considerações Finais

Diante do exposto, é possível constatar que a escola não pode mais ignorar a tecnologia que permeia a sociedade, mas deve, ao contrário, abrir-se a ela, acolhendo-a como uma preciosa aliada nos processos de ensino-aprendizagem em geral.

Obviamente que essa transformação não deve limitar-se a simplesmente levar o computador para a sala de aula, ou transferir o espaço físico das aulas para o laboratório de informática. Isso porque nem todas as escolas dispõem desses recursos, principalmente as públicas, e as que têm, especialmente as da rede privada, muitas vezes os utilizam mais como estratégia de marketing, para captar alunos, do que como subsídio didático efetivo. Não se trata, em absoluto, de trocar o papel pela tela, aproveitando-se do fascínio que a tecnologia exerce sobre os mais jovens, com suas múltiplas linguagens, e acabar limitando-a a um mero entretenimento, “distração” para acalmar alunos barulhentos e agitados. Nesse sentido, Kensky (2005) enfatiza que “atividades didáticas podem ser tão aborrecidas, com ou sem o uso das novas

tecnologias.” (p. 75). Isso porque “é preciso ter formação específica para o uso pedagógico do computador em atividades de ensino.” (KENSKY, 2005, p. 75). Infelizmente, no afã de se aparelharem quanto aos recursos tecnológicos, muitas escolas se esquecem de que precisam também capacitar adequadamente seus recursos humanos, os professores, investindo principalmente na formação didática.

A escola precisa se conscientizar de que os alunos, em geral, não só já conhecem como interagem com as tecnologias; eles também já circulam de alguma forma na rede, o que influencia indelevelmente todo o processo de construção de seu conhecimento e de sua identidade, individual e coletiva. Portanto, é crucial que ela dialogue com a sociedade, reconheça e corresponda as suas demandas com competência e responsabilidade.

É importante frisar que a escola e os professores jamais serão substituídos pelas tecnologias, mas precisam adaptar-se a elas, conjugando esforços no sentido de torná-las parceiras valiosas no processo de ensino-aprendizagem. Isso porque o hipertexto, a internet e os demais gêneros digitais têm um potencial enorme enquanto ferramenta didática e lúdica. Portanto, é preciso encarar as tecnologias, com toda influência e poder de penetração de que gozam hoje, de um modo menos tecnicista, racional, e mais social, histórico, e principalmente, humano.

Referências

ALMEIDA, Rubens Queiroz de. O leitor-navegador II. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Coord.). A leitura nos oceanos da internet. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COSCARELLI, Carla Viana. Os dons do hipertexto. In: Littera: Linguística e literatura. Pedro Leopoldo: Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo, 2006.

GOMES, Luiz Fernando. Hipertexto no cotidiano escolar. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção trabalhando com... na escola).

HILGERT, José Gaston. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na internet. In: PRETI, Dino (Org.). Fala e escrita em questão. São Paulo: Humanitas: FFLCH/USP 2000.

KENSKI, Vani Moreira. Das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem. In: www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/030tcc5. Acesso em 07/03/2017.

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. Cibercultura. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. O que é o virtual? 2ª ed. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. In: _____. Linguagem e Ensino, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentidos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PINHEIRO, Regina Cláudia. Estratégias de leitura para a compreensão de hipertextos. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Org.). Interação na internet: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

PONTE, João P. Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: Que desafios? In: <http://www.campus-oei.org/revista/rie24a03.htm>. Acesso em 07/03/2017.

RAMAL, A.C. Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura no mundo virtual: alguns problemas. In: _____. (Coord.). A leitura nos oceanos da internet. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento digital. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 07/03/2017.

XAVIER, Antonio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (Orgs.) Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.